

A VIDA DEPOIS DA LUZ

PRÓLOGO

Meu nome é Anaximandro Amorim, mas minha família e meus amigos me chamam de Anax. Nome de filósofo grego, dado pela minha mãe, professora de História. Sou capixaba, advogado de formação, escritor por opção e quase morri em um grave acidente de carro. Sim, querido leitor. Este livro não é uma ficção. É a mais pura realidade. E, graças a Deus, tive minha segunda chance, para poder contar a minha história, de muita dor, mas também de muita fé e superação.

Tudo aconteceu no dia 7 de setembro de 2009. Uma segunda-feira. O dia que mudou minha vida. Eu tinha 30 anos de idade, fazia meu mestrado na área de Direito Tributário, dava aulas de Direito em duas faculdades e estava realizando tanto profissional quanto pessoalmente; tinha sido aprovado em concursos públicos e estava esperando a nomeação de um deles, em especial, para advogado de um banco de desenvolvimento do meu estado, após uma longa e exaustiva preparação. Tudo estava perfeito. Era um momento de muita felicidade pessoal.

Moro em Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Uma das três capitais-ilha do Brasil. Aqui, além de gente bonita e belas praias, temos mais um privilégio: o dia da cidade é 8 de setembro, ou seja, “esticamos” o feriado, que, naquele ano, seria perfeito: segunda e terça (além do sábado e do domingo).

Aquele 7 de setembro foi um dia muito bonito, “céu de brigadeiro”, como dizem os pilotos de avião. Não havia uma nuvem sequer. Temperatura de outono. O dia ideal para uma caminhada, uma corrida, um banho de mar. E, no final, quem sabe, estender essa folga para uma noitada com os amigos? Gosto de correr, de ficar em forma. Tenho esse costume e esse seria, aliás, o meu programa para aquela manhã. Ainda me lembro de ter dito ao meu pai:

-Tchau, pai. Vou correr na praia – e de pegar o meu boné e o protetor solar.

Mas não iria sozinho, havia marcado com um amigo de fazermos exercícios juntos. Nós nos encontraríamos na praia, para uma corrida. Nada demais. Acontece que esse mesmo amigo havia comprado um carro novo, zero quilômetro, poucos dias atrás. Era um carro muito bonito, com apelo esportivo, com banco de couro, rodas de liga leve mas... sem *airbag*. Um item de segurança que não garante sobrevivência em todos os casos, mas que é crucial para minorar os efeitos de muitos acidentes sobre suas vítimas.

Eu não menti para os meus pais. Disse que iria correr na praia e saí para correr na praia, mesmo. Meu grande erro, porém, foi não ter avisado, antes de entrar naquele carro, que nós teríamos mudado os nossos planos. Manhã de sol, feriado prolongado, carro zero quilômetro. Tudo convidava a uma boa viagem. O que haveria de dar errado?

Domingos Martins é uma bela cidade do interior do Espírito Santo. Distante 42 km da capital, sofreu colonização italiana, alemã e pomerana. É uma espécie de “Gramado capixaba”, muito visitada pelos turistas, sobretudo por seu clima ameno, por sua arquitetura típica e gastronomia. Foi para lá que resolvemos ir, de última hora, para botar o carro na estrada. Seria uma viagem do tipo “bate e volta”. Subiríamos a serra, almoçaríamos nas montanhas e, de quebra, curtiríamos o carro novo. Nada poderia estragar os nossos planos. Até chegarmos ao centro da cidade de Vitória.

Como era o dia da independência do Brasil, claro, havia uma parada cívica acontecendo. Vitória, como já disse, é uma ilha e, portanto, não são muitas as artérias que cortam a capital pelo centro. Além disso, sendo uma das mais antigas capitais do Brasil, a cidade mantém, em algumas de suas vias de acesso, muito do traçado colonial, o que dificulta ainda mais o trânsito. Em resumo: com a parada da Independência e os desvios, o trânsito estava um inferno, em pleno feriado, e nós ficamos parados num enorme engarrafamento, para nosso aborrecimento.

Fui eu quem deu a ideia. Sugeri que desistíssemos de Domingos Martins e optássemos por Santo Teresa, no caminho oposto, outra bela cidade do interior capixaba, de colonização italiana, também nas montanhas, distante 78 km da capital. A mais italiana de todas as cidades capixabas, na rota da BR-101 Norte, a perigosa estrada que cruza o Espírito Santo de norte a sul. Então, mudamos de direção. Só queríamos curtir o carro novo. Só isso. Para ir até Santa Teresa, é necessário sair de Vitória, passar pelo município de Serra, chegar até Fundão e, depois, pegar uma sinuosa estrada estadual até lá. Não é um trajeto seguro. Mas, quando jovens, achamos que somos inquebráveis, não é? Naquele carrão, rodando a uma velocidade segura, ganhamos facilmente o trevo de Timbuí, distrito de Fundão, região metropolitana. Estávamos nos divertindo. Nada poderia dar errado. Nada. Até que...

- Joga para o acostamento! – eu gritei.